

# Sepulturas medievais escavadas na rocha dos concelhos de Carregal do Sal e Gouveia: estudo comparativo

CATARINA TENTE  
SANDRA LOURENÇO

## R E S U M O

O presente artigo aborda a temática das sepulturas escavadas na rocha, numa perspectiva comparativa de dois núcleos: o das sepulturas localizadas no actual concelho de Gouveia (Guarda) e as do concelho de Carregal do Sal (Viseu). Os dois grupos apresentam diferenças significativas a nível tipológico embora se identifiquem semelhanças no que diz respeito à sua orientação e implantação geográfica.

## A B S T R A C T

This article is the result of a comparative study of medieval rock-cut tombs in the municipalities of Gouveia (Guarda) and Carregal do Sal (Viseu). The groups show significant differences in morphology but marked similarities in orientation and geographical location.

## 1. Introdução

A história dos estudos das sepulturas escavadas na rocha em Portugal remonta à década de 30, com publicações pontuais em revistas como *O Archeologo Português*, *Portugalia* e *Revista de Guimarães*, desenvolvidos por Leite de Vasconcelos, Santos Rocha, Martins Sarmiento, Félix Alves Pereira e Vergílio Correia. Houve autores como Simões Rodrigues Ferreira e Santos Rocha que defenderam uma cronologia romana para este tipo de vestígios, alegando a sua associação a materiais tipicamente romanos como é o caso das *tegulae*. Outros defenderam uma cronologia proto-histórica para as sepulturas em questão, tais como Amorim Girão e Alberto Correia. António Cruz, na década de 40, e Ferreira de Almeida, nos anos 70, atribuíram já uma periodização medieval. António Cruz chegou mesmo a defender a sua utilização pelo menos até ao século XV.

Os trabalhos de Alberto del Castillo marcam ao nível da Península Ibérica uma profunda mudança nos estudos das sepulturas. Em 1968, apresentou uma comunicação ao *XI Congreso Nacional de Arqueología*, realizado em Mérida, onde estabeleceu uma tabela cronológica e tipológica que relacionava as sepulturas com a Reconquista e o povoamento. Castillo considerava que na zona da Catalunha eram maioritárias as cabeceiras de sepultura de forma trapezoidal, enquanto em Aragão e Castela predominavam as de arco ultrapassado. Para ele havia uma evolução tipológica, sendo as sepulturas mais antigas as não antropomórficas, que teriam uma origem cerca do século VII, sendo as antropomórficas típicas do período da Reconquista cristã. A passagem de um modelo para outro ter-se-ia dado através de um aperfeiçoamento, iniciado com o contorno do ombro esquerdo (meados do século IX); só no século X se diversificariam as soluções ao nível do antropomorfismo. Estas suas ideias entram em contradição com as ilações que o mesmo autor retirou dos resultados da escavação de Revenga e Cuyacabras, onde definiu panteões familiares correspondentes a um pequeno agregado, sendo a sepultura do elemento masculino antropomórfica e a da mulher e dos filhos não antropomórfica-ovalada. Os seus estudos foram largamente criticados a nível da cronologia e regionalismo das tipologias, por autores como Maria Asunción Bielsa e, posteriormente, por Katja Kliemann.

Relativamente ao nosso País, a viragem para uma fase mais intensa dos estudos das sepulturas foi marcada pelos trabalhos de Mário Jorge Barroca, na década de 80, que, juntamente com Cardoso Morais, publicou em 1982 os resultados da escavação de Aguiar da Pena. Nesse artigo, fazem a descrição morfológica e a análise espacial das sepulturas, inserindo-as numa cronologia que se estende do século VII ao XI. Em 1987, Barroca apresentou a tese de doutoramento intitulada “Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho (séculos V a XV)”, na qual constatou que as sepulturas estariam mais relacionadas com uma realidade de povoamento disperso, havendo na região que estudou um número reduzido de sepulturas em cada núcleo, estando estas na maior parte das vezes isoladas, contrariamente às grandes necrópoles do território espanhol. A cronologia que estabeleceu baseou-se principalmente no estudo efectuado no Convento de Santa Marinha da Costa (Guimarães), onde se realizaram escavações entre 1978 e 1983. Os resultados apontaram para uma evolução a nível do antropomorfismo anterior ao século IX, que difere grandemente da linha evolutiva traçada por Castillo, já que não há uma fase de transição assinalada pelo realçar do ombro esquerdo.

Na presente década, as publicações sobre o tema multiplicaram-se, sendo de referir trabalhos como os de Calais, Cunha, Valera, Marques, Gomes, Santos, Pedro, Tente, os quais adiantaram novos dados relativos a outras regiões do país, mostrando que este tipo de vestígios não é exclusivo da área a norte do Douro.

Este género de estudos, apesar dos problemas com que se deparam no respeitante à associação entre cronologias, formas específicas de cada sepultura, e condição social-sexual do inumado, contribui para o conhecimento dos pressupostos mentais do culto dos mortos, formas de povoamento, condições sociais e económicas de uma sociedade que somente agora começa a ser vislumbrada.

A pesquisa elaborada pelas autoras em dois concelhos da Beira Alta — Carregal do Sal e Gouveia —, revelou algumas diferenças significativas que são a base do presente trabalho. A nível metodológico, o estudo foi efectuado de forma a numa primeira parte se abordar a descrição das sepulturas e sua integração geográfica, agrupando-as por concelhos; numa segunda, faz-se o estudo comparativo das duas áreas, e, finalmente, realiza-se uma abordagem de contextualização espaço-cultural.

## 2. Levantamento e descrição das sepulturas escavadas na rocha

### 2.1. O Concelho do Carregal do Sal

O concelho de Carregal do Sal fica situado na zona planáltica da Beira Alta, entre as serras da Estrela e do Caramulo, tendo como fronteiras naturais, a Norte, o Rio Dão e, a Sul, o Mondego. No aspecto orográfico, é um concelho sem elevações, quase plano, que descai tão somente e de forma bastante suave para os vales dos rios Mondego e Dão. Ao nível geológico, é caracterizado por uma densa mancha granítica. São sete as freguesias que o compõem: Beijós, Cabanas de Viriato, Currelos, Oliveira do conde, Papísios, Parada e Sobral. Metodologicamente, a prospecção teve como base a leitura da Carta Militar de Portugal 1:25 000 e a recolha de informação oral nas diversas vilas e aldeias que constituem o concelho. Neste aspecto, foi interessante verificar que as sepulturas são frequentemente designadas pela população como “pias”, “cova da moura” ou “masseiras”, significando esta última denominação o sítio onde a “moura amassava o pão”.

No levantamento foram contabilizadas vinte e cinco sepulturas, todas elas tendo como material de construção o granito. Nenhuma tampa foi encontrada, pois certamente sofreram reutilizações múltiplas, impossibilitando a sua identificação.

#### 2.1.1. Sepulturas isoladas

Cabanas de Viriato (Cabanas de Viriato) - Localiza-se nas traseiras da Igreja Matriz desta sede de freguesia, no sítio popularmente denominado como Passal (coordenadas 29 TME 873/816, fl. 210, Carta Militar de Portugal, escala 1:25 000). É uma sepultura antropomórfica, com um comprimento de 180 cm e está orientada a N.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC	
1	0	1	0	B			1	0	1	0	1	55	55	180	36	22	24			2	3	0	0	1	1

Vila Meã 1 (Oliveira do Conde) - O local de implantação desta sepultura isolada é denominado por “Cova da Moura”, situa-se a uma cota de 288 m (coordenadas 29 TME 859/756, fl. 210, Carta Militar de Portugal, escala 1:25 000). Esta sepultura é antropomórfica e possui um comprimento máximo de 218 cm, sendo até ao momento a de maior dimensão. O seu eixo principal está orientado a N. Ao redor da sepultura existem pequenas covinhas, que poderiam servir para o assentar da tampa.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	
1	0	1	1	B			1	0	1	0	0	64	64	218	34	32	46			2	0	0	0	1

Vila Meã 2 (Oliveira do Conde) - Encontra-se mesmo à beira de um caminho, no local designado pela população como Alagoas, a uma cota de 193 m (coordenadas 29 TME 859/761, fl. 210, Carta Militar de Portugal, escala 1:25 000). Trata-se de uma sepultura antropomórfica, com cerca de 193 cm de comprimento, orientada a N. O seu antropomorfismo não é perfeito, delineando-se somente o ombro esquerdo.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	
1	0	1	0	B			4	0	0	0	0	49	46	193	33	28	36			5	3	0	0	7.3

Albergaria (Oliveira do Conde) - Sepultura registada a uma cota de 306 m, também conhecida como "Cova da Moura" e implantada no local da Vinagreira (coordenadas 29 TME 862/765, fl. 210, Carta Militar de Portugal, escala 1:25 000). Esta é antropomórfica, mede 180 cm de comprimento máximo e o seu eixo principal tem uma orientação de SE. Na parte superior da cabeceira encontra-se o que resta de um encaixe rebaixado para o assentamento da tampa. O facto de se encontrar à beira de um caminho que liga Vila Meã a Albergaria, muito terá contribuído para o seu estado deteriorado.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1"	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	
1	0	2	1	B			3	0	1	0	1	48	45	180	23	29	30			5	3	0	0	7.3

Travanca de S. Tomé (Oliveira do Conde) - Localiza-se em propriedade privada, denominada por Cortinhal ou Quinta dos Mascarenhas, a uma cota de 252 m (coordenadas 29 TME 852/794, fl. 210, Carta Militar de Portugal, escala 1:25 000). Trata-se de uma sepultura antropomórfica, orientada a N, com 186 cm de comprimento. Apresenta apenas o delineamento do ombro direito.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1"	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	
1	0	1	0	B			7	0	1	0	1	61	61	186	23	31	33			2	0	0	0	4

### 2.1.2. Conjuntos de 2/3 sepulturas

Beijós (Beijós) - As duas sepulturas antropomórficas encontram-se nas Chãs, lugar designado popularmente como Riachas ou Milrego, a 306 m de altitude (coordenadas 29 TME 891/842, fl. 199, Carta Militar de Portugal, escala 1:25 000). Uma das sepulturas está orientada a NW, possuindo 190 cm de comprimento e um contorno dos braços, este último mais perfeito do lado direito. A outra localiza-se a cerca de 7 m para SW da anterior, o seu eixo principal está orientado a NE, atingindo o comprimento máximo de 184 cm.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1"	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	
1	1	1	0	B			8	6	1	0	1	50	50	190	21	19	30			2	2	0	0	4
2	1	1	5	B			4	0	1	0	1	48	48	184	24	27	28			2	3	0	0	4

Aveleira (Oliveira do Conde) - Estas duas sepulturas localizam-se a uma cota de 269 m (coordenadas 29 TME 862/788, fl. 210, Carta Militar de Portugal, escala 1:25 000). A sepultura não antropomórfica encontra-se mesmo à beira de um caminho, é rectangular, possui um comprimento máximo de 179 cm e uma orientação a S. A sua pouca profundidade faz dela uma sepultura inacabada. A outra é antropomórfica, está orientada a NW e tem 177 cm de comprimento. É de salientar que esta última está a cerca de 8 m da primeira.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1"	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	
1	1	1	4	B			1	6	0	0	0	48	48	177	26	23	29			2	0	0	0	1
2	1	3	1	A		3						81	81	179	20					2	3	0	2	7.3

Oliveira do Conde 1 (Oliveira do Conde) - Localizadas a uma cota de 287 m, num local conhecido popularmente por Hortas (coordenadas 29 TME 883/772, fl. 210, Carta Militar de Portugal, escala 1:25 000). Trata-se de duas sepulturas antropomórficas com uma orientação do

eixo principal a E e um comprimento máximo de 180 cm. Encontram-se relativamente próximas de um caminho, o qual desce em direcção à Ribeira da Azenha.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	1	1	2	B			1	0	1	0	0	45	45	180	35	23	27			2	0	0	0	1
2	1	1	2	B			1	0	1	0	0	47	47	180	30	20	26			2	0	0	2	1

Oliveira do Conde 2 (Oliveira do Conde) - as duas sepulturas encontram-se a uma altitude de 285 m, no sítio designado por Malhoa e estão próximas de um caminho que desce no sentido da Ribeira de Poldras (coordenadas 29 TME 871/768, fl. 210, Carta Militar de Portugal, escala 1:25 000). Tal como o conjunto anterior estas localizam-se numa zona de encosta. A sepultura antropomórfica está orientada a NW e possui um comprimento considerável de 199 cm. É de realçar o facto de esta sepultura ser bastante profunda, talvez efectuada com o intuito de uma dupla tumulação. Na parte interna da zona dos pés, há um contorno que faz lembrar uma cabeceira, o qual também pode ter tido como objectivo a delimitação de um encaixe para os pés. A sepultura não antropomórfica, ovalada, tem uma orientação do eixo principal a W. as suas reduzidas dimensões, apenas 82 cm de comprimento, fazem dela uma provável sepultura de bebé. É de salientar que está a 4 m da anterior.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	1	1	4	B			1	4	1	0	1	50	50	199	44	23	35			4	0	0	0	1
2	1	1	3	A	2						23	23	82	20					5	1	0	0	1	

Vila Meã 3 (Oliveira do Conde) - Conjunto de três sepulturas orientadas a E, cuja designação popular é "Quinta da Moura". Encontra-se a uma cota de 182 m, próxima da estrada que liga Vila Meã a Casal Mendo (coordenadas 29 TME 859/754, fl. 210, Carta Militar de Portugal, escala 1:25 000). Trata-se de três sepulturas antropomórficas. A primeira atinge um comprimento máximo de 182 cm, a segunda de 185 cm e a terceira de 175 cm. A segunda apresenta um ligeiro delineamento da parte superior dos braços, enquanto que a terceira, apesar da cabeceira se encontrar um pouco deteriorada, evidencia um ligeiro contorno do braço esquerdo.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	1	1	2	B			1	0	1	0	1	46	46	182	25	34	35			3	3	0	0	4
2	1	1	2	B			1	0	1	0	1	51	51	185	35	28	36			3	2	0	0	4

Papísios (Papísios) - Passamos agora à descrição de um alinhamento de duas sepulturas orientadas a S, cujo lugar de implantação é designado por S. Sebastião, encontrando-se a 264 m de altitude (coordenadas 29 TME 812/765 fl. 210, Carta Militar de Portugal, escala 1:25 000). Uma sepultura é não antropomórfica, ovalada e atinge em comprimento máximo de 116 cm, sendo com tal atribuível a uma criança.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	1	1	1	A	2						35	30	116	15					2	0	0	0	1	
2	1	1	1	B			8	3	1	0	1	44	41	173	20	23	18			2	3	0	0	1

Póvoa de Sto. Amaro (Parada) - trata-se de um agrupamento de duas sepulturas antropomórficas, que se encontram lado a lado, escavadas no mesmo penedo, a sua orientação é de E. São designadas popularmente como “Penedo da Moira” e encontram-se a 266 m de altitude (coordenadas 29 TME 824/743, fl. 210, Carta Militar de Portugal, escala 1:25 000). Este poderá hipoteticamente ser um exemplar de inumação conjugal. Uma das sepulturas possui um comprimento máximo de 192 cm, apresenta aos pés um orifício, talvez com o intuito de ser utilizado como lagar ou para escoamento de águas. Outra tem 183 cm de comprimento, aos pés da sepultura existe um orifício igual ao descrito anteriormente, contudo nunca foi terminado.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG
1	1	1	2	B		1	1	1	0	1	44	40	192	18	22	21			2	3	0	0	4
2	1	1	2	B		1	6	0	0	1	48	48	183	18	20	21			2	3	0	0	4

### 2.1.3. Necrópoles

Cabanas de Viriato (Cabanas de Viriato) - A necrópole de sepulturas antropomórficas situa-se num pomar particular, a que chamam de Soila ou Tapada, a uma cota de 327 m (coordenadas 29 TME 873/816, fl. 210, Carta Militar de Portugal, escala 1:25 000). Trata-se de cinco sepulturas. A primeira está orientada a S e mede 182 cm. Localiza-se num afloramento granítico destacado, no qual estão talhados dois degraus que parecem dar-lhe acesso. A cerca de cinco metros para E desta encontram-se as restantes quatro sepulturas, todas orientadas a SE. Uma tem um comprimento máximo de 190 cm e o seu antropomorfismo descreve nitidamente a curvatura dos braços; outra atinge um comprimento máximo de 190 cm e a sua cabeceira encontra-se um pouco inclinada para o lado esquerdo; a quarta sepultura tem a peculiaridade de na zona média do leito não ter sido escavada, pelo que a consideramos inacabada; a quinta e última sepultura desta pequena necrópole tem um comprimento máximo de 220 cm, contém fracturas no ombro direito e um pouco abaixo do esquerdo.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG
1	2	1	1	B		1	0	1	0	1	54	54	182	32	26	32			5	3	0	0	1
2	2	1	0	B		8	0	0	0	0	62	48	190	23	24	28			2	0	0	0	1
3	2	1	0	B		1	0	1	0	1	53	53	186	21	24	26			2	3	0	0	1
4	2	3	2	B		?	4	1	?	?	50	50	152		19	24			2	3	0	0	1
5	2	2	3	B		4	0	1	0	1	56	56	220	22	32	36			2	3	0	0	1

### 2.2. O Concelho de Gouveia

O concelho de Gouveia localiza-se na vertente Noroeste da cadeia montanhosa da Serra da Estrela, constituído por duas áreas geomorfológicas diferentes: uma montanhosa a Leste, pertencente ao maciço da Estrela, outra mais aplanada, a Ocidente, a qual se inclui na grande plataforma da Beira Alta. A nível geológico quase todo o concelho é constituído por granitos de grão médio-grosso, havendo a assinalar na região dos Casais de Folgoso algumas manchas de xisto. O rio Mondego nasce a Sul do concelho e irá limitá-lo a Norte. A rede orográfica do concelho é constituída por uma série de ribeiras todas elas afluentes do Mondego. Administrativamente está integrado no Distrito da Guarda e é constituído actualmente por 22 freguesias.

### 2.2.1. Sepulturas isoladas

Camada Moura (Aldeias) - Esta sepultura antropomórfica encontra-se numa encosta situada dentro da actual povoação de Aldeias, que é freguesia em si (coordenadas 245.75/ 388.95 GAUSS, fl. 212 *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25 000, alt. 800 m). A sepultura está orientada a SE e encontra-se fracturada transversalmente.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	0	2	7	B			4	0	0	0	30	30	164	19	30	27			5	3	0	0	1	3

Castelo (Arcozelo) - Esta sepultura localiza-se junto ao Castelo, na freguesia do Arcozelo da Serra (coordenadas 245.45/398.8 Gauss, fl. 201 *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25 000, alt. 340 m). No penedo foi esboçado um antropomorfismo; porém, a sepultura não foi terminada, estando orientada a W e sendo 1,46 m o seu comprimento máximo. Este vestígio está localizado junto a um povoado fortificado que tem ocupação proto-histórica, romana e provavelmente medieval. O estudo do local ainda se encontra no início, daí a falta de mais informações.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	0	3	2	B			6	5	0	0	40	38	146	10	10	18			3	3	0	0	5	3

Penedo dos Mouros (Arcozelo) - Localizada entre as povoações de Arcozelo e Nespereira, freguesia de Arcozelo da Serra, a uma altitude de 456 m e junto a um caminho isolado por onde apenas passam poucos pastores ainda existentes na região (242.95/395.45 GAUSS, fl. 201, *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25 000), esta sepultura está escavada num penedo com cerca de 7 m de altura que domina visualmente o vale da Ribeira de Rio Torto. A sepultura é antropomórfica e tem como comprimento máximo 2,05 m, está orientada a NE, encontrando-se bem preservada, ainda que sem tampa. Foram recolhidas informações orais sobre tampa da sepultura. Esta seria monolítica e teria algum tipo de decoração.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	0	1	5	B			1	6	0	0	71	71	205	31	19	29	1	2	1	1	0	0	5	0

Chão do Pinto (Figueiró da Serra) - Sepultura antropomórfica de 2 m e 56 cm de comprimento e largura máxima, respectivamente, orientada a SE, situada numa vertente virada a Sul, na actual freguesia de Figueiró da Serra (coordenadas 254.99/296.3 GAUSS, fl. 201 *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25 000, alt. 640 m).

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	0	1	7	b			1	4	0	0	56	56	200	25	18	33			3	1	0	0	1	3

Quinxozo (Figueiró da Serra) - Localiza-se próximo da sepultura anterior (coordenadas 254.55/296.3 GAUSS, fl. 202, *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25 000, alt. 736 m). Tipologicamente é antropomórfica; porém, possui a particularidade de a cabeceira ser definida por dois cantos arqueados. Está orientada a NW e tem uma largura máxima de 42 cm e um comprimento de 2,01 m.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1"	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC	
1	0	1	4	5			3	7.2	0	0	0	42	36	201	21	22	15			5	1	0	0	1	3

Casal de S. Pedro (Folgosinho) - Trata-se da única sepultura escavada em xisto sujeita a levantamento no concelho de Gouveia, de tipologia antropomórfica e com uma orientação NW. Localiza-se no esporão do Casal de S. Pedro, actual freguesia de Folgosinho (coordenadas 253.1/389 GAUSS, fl. 213 *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25 000, alt. 1080 m). O casal pastoril onde se encontra, à semelhança do que acontece com a necrópole do Casal das Pias, está situado num planalto de grande altitude onde o povoamento é disperso, talvez similar ao tipo de povoamento que a dispersão das sepulturas parece reflectir.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1"	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC	
1	0	1	4	B			4	3	1	0	1	50	50	162	21	21	22			5	2	1	0	5	3

Vinha Grande (Lagarinhos) - Localizada no sítio da Passarela, freguesia de Lagarinhos (coordenadas 239.7/391.75 GAUSS, fl. 201 *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25 000, alt. 450 m), esta sepultura antropomórfica está orientada a W e o seu comprimento máximo é de 1,72 m.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1"	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC	
1	0	1	3	B			5	3	0	0	0	41	41	172	42	22	20			3	2	0	0	5	3

Tapada/Rascão (Rio Torto) - Sepultura não antropomórfica situada na freguesia de Rio Torto (coordenadas 240.7/394.9 GAUSS, fl. 201, *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25 000, alt. 460 m), orientada a NE e com um comprimento máximo de 1,89 m.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1"	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC	
1	0	1	5	A	2				0	0	0	72	72	189	23					3	2	0	0	1	3

Quinta. Mário Figueira (Vila Franca da Serra) - Trata-se de uma sepultura antropomórfica cujo comprimento máximo é de 1,97 m e que se encontra virada a SE. Localiza-se junto a um caminho cuja origem não foi possível determinar, na actual freguesia de Vila Franca da Serra (coordenadas 250.4/490.25 GAUSS, fl. 211 *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25 000, alt. 370 m).

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1"	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC	
1	0	1	7	B			3	1	0	0	0	42	39	197	22		0	0	0	5	1	0	0	7.3	3

Moita do Cume (Vila Nova de Tázem) - Esta sepultura antropomórfica que foi orientada a S, tem a particularidade de possuir um estreitamento da zona dos pés com um rebaixamento de forma rectangular, que deverá ter servido para posicionar os calcanhares. Encontra-se num local isolado de populações, situado na freguesia de Vila Nova de Tázem (coordenadas 234.8/392.8 GAUSS, fl. 201 *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25 000, alt. 405 m).

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1"	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC	
1	0	1	1	B			5	3	1	1	2	52	52	179	28	18	38			2	3	0	0		5

Fonte de S. João (Vila Nova de Tázem) - Trata-se de um “caixão” de forma antropomórfica que foi colocado junto da fonte de S. João que se localiza nas imediações da povoação de Tázem-freguesia de Vila Nova de Tázem (coordenadas 234.9/392.1 GAUSS, fl. 201 *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25 000, alt. 420 m). A deslocação do seu lugar original teve o propósito de fazer de pia para dar de beber aos animais, para tal abona o facto de ter sido feito um orifício no lado direito.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	0	1		B			5	3	0	0	53	49	181	26	25	27			2	3	0	3		3

### 2.2.2. Conjuntos de 2/3 sepulturas

Castelo (Arcozelo da Serra) - Dentro do perímetro do povoado fortificado do Castelo-freguesia de Arcozelo da Serra (coordenadas 245.2/398.5 GAUSS, fl. 201 *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25 000, alt. 350 m) encontram-se três sepulturas não antropomórficas, duas das quais foram escavadas no mesmo afloramento, e posteriormente transformadas em lagares. A terceira é uma sepultura infantil, orientada a O, que, devido às suas reduzidas dimensões (74 cm x 30 cm), possivelmente foi destinada a um bebé. A orientação das duas primeiras é N, mas o seu comprimento total não é possível determinar pelo facto de a transformação em lagares ter danificado a parte inferior.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	1	2	0	A	0			0	0	0	61	55	?	16					5	2	0	0	3	3
2	1	2	0	A	0			0	0	0	47	47	?	10					5	3	0	0	3	3
3	1	1	3	A	3			0	0	0	30	30	74	10					3	1	0	0	3	3

Quinta da Moira (Figueiró da Serra) - Trata-se de um conjunto de duas sepulturas antropomórficas distanciadas entre si cerca de 20 m, situadas numa encosta acentuada que está englobada na freguesia de Figueiró da Serra (coordenadas 256.25/295.33 GAUSS, fl. 202 *Carta Militar de Portugal*, escala 1: 25 000, alt. 870 m). A sepultura 1 tem um afunilamento dos pés, conseguido, tal como acontece com a cabeceira, por cantos paralelipipédicos. A sua orientação é SE e o comprimento máximo 1,70 m. A segunda sepultura foi orientada a NE, e tem 2 m de comprimento.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC	
1	1	2	7	B			5	7.1	1	1	0	46	40	170	28	17	29			1	1	0	0	1	3
2	1	1	5	B			4	6	0	0	0	62	57	200	24	20	26			3	3	0	0	1	5

Carreira Cova (Nespereira) - Trata-se de um conjunto de duas sepulturas antropomórficas, localizadas na freguesia de Nespereira, a uma altitude de 520 m (coordenadas 244.37/394.12 GAUSS, fl.201, *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25 000). Também aqui as sepulturas se encontram junto a a uma encruzilhada, cuja origem não foi determinada, estas foram escavadas no mesmo afloramento, talvez por isso suas orientações sejam diferentes, a sepultura 1 está orientada a E e a 2 a SE.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1"	R1	R2	CL	CC	M	A	IG
1	1	1	2	B			1	1	0	0	52	46	193	32	33	22			2	1	0	0	7.3
2	1	1	7	B			1	4	0	0	51	38	208	33	25	22			2	1	0	0	7.3

Barreiras (Paços da Serra) - Parecem tratar-se de duas sepulturas localizadas na freguesia de Paços da Serra (coordenadas 287.8/387.4 GAUSS, fl. 212 *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25 000, alt. 660 m), contudo apenas foi possível o levantamento de uma delas, em virtude da outra se encontrar destruída não permitindo o seu estudo. A primeira é de forma antropomórfica e está orientada a NE.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1"	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	1	1	5	B			1	4	0	0	51	51	182	16	25	35			2	1	0	0	6	3
2																								

Carvoeiro (Vila Nova de Tázem) - Situadas junto de um afluente da Ribeira de Girabolhos-freguesia de Vila Nova de Tázem (coordenadas 235.3/392.7 GAUSS, fl. 201 *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25 000, alt. 410 m) estas sepulturas antropomórficas foram escavadas em afloramentos diferentes e possuem orientações diversas: sepultura n.º 1 está orientada a SE, a 2 a NE e a 3 a N. A sepultura n.º 3 tem um afunilamento dos pés. Perto do local de implantação das sepulturas foram identificados fragmentos de *tegulae*, de tijolos tipo "burro", de olaria comum de torno rápido e de escórias de ferro, aparentemente os dados até agora recolhidos apontam para uma cronologia romana, porém não é ainda possível determinar se o local foi habitado em época medieval.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1"	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	1	1	7	B			4	6	1	0	48	48	179	21	22	27			3	0	0	0	0	3
2	1	1	5	B			3	0	0	0	50	46	173	19	20	27			2	2	0	0	0	3
3	1	1	0	B			3	1	0	1	48	46	182	18	12	35			2	3	0	0	0	3

Parigueira (Vila Nova de Tázem) - Esta sepulturas antropomórficas localizam-se num planalto ermo situado na freguesia de Vila Nova de Tázem (coordenadas 238.29/394.7 GAUSS, fl. 201 *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25 000, alt. 440 m). Foram escavadas em afloramentos rochosos diferentes, tendo a primeira sido orientada a W e a segunda a NW. Encontram-se num estado de boa conservação, apesar de não haver quaisquer vestígios das suas coberturas.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1"	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	1	1	3	B			4	4	0	0	52	52	168	23	19	29			3	2	0	0	4	3
2	1	1	4	B			5	1	1	0	50	50	166	22	12	29			3	2	0	0	4	3

Ribeiro de Almeida (Vila Nova de Tázem) - São duas sepulturas antropomórficas escavadas no mesmo afloramento granítico, mas desniveladas, que foram orientadas a S. Estas localizam-se relativamente perto do conjunto anterior, na actual freguesia de Vila Nova de Tázem (coordenadas 238.5/394.45 GAUSS, fl. 201 *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25 000, alt. 460 m).

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1"	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	1	1	1	B			2	1	0	0	48	44	178	25	26	25			0	2	0	0	5	3
2	1	1	1	B			1	1	1	0	50	46	198	28	20	30	1	2	3	1	0	0	5	3

Safail (Vila Nova de Tázem) - Este conjunto de três sepulturas antropomórficas localiza-se nas imediações de uma calçada romana, actualmente inserida na freguesia de Vila Nova de Tázem (coordenadas 237.5/393.9 GAUSS, fl. 201 *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25 000, alt. 460 m). As sepulturas foram escavadas em afloramentos diversos, possuindo cada uma uma orientação diferente: a n.º 1 está direccionada para SE, a 2 para E e a última para N. Os comprimentos máximos são próximos e as duas primeiras possuem rebordos totais elevados

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	1	1	7	B			7	0	0	0	57	50	188	18	20	36	0	1	3	3	0	0	7.1	3
2	1	1	2	B			4	6	0	0	48	48	186	15	20	23	0	1	5	3	0	0	7.1	3
3	1	1	0	B			4	3	0	0	51	45	188	30	27	30			2	3	0	0	7.1	3

Regada Grande (Vila Cortês) - Localizado na freguesia de Vila Cortês (coordenadas 250.6/299.45 GAUSS, fl. 202 *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25 000, alt. 390 m) este conjunto possui três sepulturas antropomórficas escavadas em afloramentos diferentes as suas orientações são: a n.º 1 está para SE, a 2 está para N e a 3 para E. As duas primeiras têm um comprimento máximo de 1,90 e 1,94 m respectivamente, enquanto que a última tem 1,71 m.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	1	1	7	B			5	0	0	0	50	50	190	14	34	47			5	3	0	0	5	3
2	1	1	0	B			7	4	0	0	50	50	194	29	24	30			2	2	0	0	5	3
3	1	1	2	B			4	6	0	0	45	45	171	20	20	27			3	1	0	0	5	3

Tapada (Vinhó) - Trata-se de um conjunto com três sepulturas antropomórficas escavadas em afloramentos diferentes, situados na freguesia de Vinhó (coordenadas 292.4/342.7 GAUSS, fl. 201 *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25 000, alt. 500 m). As sepulturas n.ºs 1 e 2 estão orientadas a E e a terceira foi dirigida para SE. Os seus comprimentos máximos estão entre 1,70 e 1,76 m. Neste local foram identificados fragmentos de materiais de construção e de dentro da sepultura n.º 2 (que se encontrava entulhada com terra) foi recolhido um fragmento cerâmico identificado como um pé de copo romano. É de notar que Alarcão faz referência a uma estação romana (Alarcão, 1993) para este local.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	1	1	2	B			1	3	0	0	50	50	176	20	22	23			3	1	0	0	4	3
2	1	1	2	B			4	4	0	0	49	49	172	22	28	28			0	3	0	0	4	3
3	1	1	7	B			3	5	0	0	49	47	170	30	20	25			3	1	0	0	4	3

Risado (Arcozelo) - Situada na freguesia de Arcozelo da Serra, a cerca de 2 km da povoação e a uma altitude de 398 m (coordenadas 244.5/398.45 GAUSS, fl. 201, *Carta Militar de Portugal*, escala 1: 25 000), esta necrópole é constituída por sete sepulturas, sendo duas delas não antropomórficas e as restantes antropomórficas. A sepultura n.º 5 é a única que possui ainda a tampa, sendo esta monolítica, com rebaixamento para o encaixe na sepultura. Na zona circundante foram recolhidos fragmentos de *tegulae* e de tijolo tipo "burro", denotando uma ocupação que Alarcão (1993) considera romana. Naturalmente isto não significa que as sepulturas sejam de época romana. A necrópole é atravessada por um caminho, actualmente utilizado por pastores e agricultores que trabalham as terras das redondezas. Junto às sepulturas 3 e 4 aparecem estruturas escavadas na rocha. Uma delas é constituída por dois buracos redondos de 36 e 43 cm de diâmetro, com uma

profundidade de cerca de 30 cm, reportando-se a outra a um penedo, no qual foram escavados degraus em que no topo se encontra uma orifício de cerca de 10 cm de diâmetro. A primeira pode ser interpretada como pias, que serviriam para o banho ritual do cadáver. Uma hipótese interpretativa da segunda estrutura pode residir na visualização e sinalização do local de enterramento.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	
1	2	3	7	B			4	4	0	0		46	42	154	16	22	23			5	2	0	0	7.3
2	2	1	5	B			1	1	0	0	0	56	54	192	30	32	30	1	2	2	2	0	0	7.3
3	2	1	2	B			1	0	0	0	0	52	48	186	21	34	30			2	1	0	0	7.3
4	2	1	2	B			5	4	0	0	0	53	46	140	32	30	28			3	3	0	0	7.3
5	2	0	7	B			1	0	0	0	0	55	54	188	30	24	25			3	1	0	0	7.3
6	2	2	2	A	2				0	0	0	51	49	180	25					3	3	0	0	7.3
7	2	2	2	A	2				0	0	0	54	90	196	20					2	1	0	0	7.3

Casal das Pias (Folgosinho) - Esta necrópole localiza-se a 1098 m, no meio da serra, junto às actuais construções do Casal das Pias (freguesia de Folgosinho- coordenadas 255.77/390.9 GAUSS, fl. 202 *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25 000), que retirou o seu topónimo das cinco sepulturas aí escavadas. Da quinta sepultura apenas existem pequenos indícios materiais da sua existência, não sendo por isso possível o seu estudo.

As sepulturas têm a particularidade de, à excepção da n.º 3, terem rebordos totais elevados, sendo a cabeceira da primeira e da quarta definidas por cantos paralelipipédicos e arqueados respectivamente. À excepção da terceira, que está orientada a S, todas as outras estão orientadas a SE, variando os seus comprimentos máximos entre 1,80 e 1,86 m.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC	
1	2	1	7	B			3	7.1	1	0	0	54	49	180	20	21	21	0	1	2	3	0	0	5	3
2	2	2	1	B			1	3	1	0	1	56	50	186	34	28	28	0	1	3	2	0	0	5	3
3	2	1	7	B			3	1	1	0	1	51	51	181	29	31	20			3	2	0	0	5	3
4	2	2	7	B			3	7.3	1	0	0	58	52	185	42	14	26	0	1	3	2	0	0	5	3
5																									

Freixial (Vila Nova de Tazém) - Esta necrópole de sete sepulturas antropomórficas localiza-se na freguesia de Vila Nova de Tázem (coordenadas 237.2/393.85 GAUSS, fl. 201 *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25 000, alt. 470 m). As sepulturas n.ºs 4 e 5 foram escavadas no mesmo afloramento, assim como as n.ºs 6 e 7, constituindo desta forma dois pares dentro da necrópole. Existem três tipos de orientação a N, a E e a SE, e os comprimentos máximos variam entre 1,68 e 1,98 m. Junto das sepulturas foram identificados fragmentos de *tegulae* e de tijolo tipo “burro” numa área relativamente extensa.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC	
1	2	1	2	B			3	6	0	0	0	86	80	175	24	20	27			3	3	0	0	4	3
2	2	1	0	B			4	4	0	0	0	51	51	186	24	17	29			3	3	0	0	4	3
3	2	1	2	B			4	4	0	0	0	54	54	182	13	20	26			5	3	0	0	4	3
4	2	1	2	B			0	6	0	0	0	51	51	198	20	20	25			1	2	0	0	4	3
5	2	1	2	B			2	1	1	0	1	42	34	170	25	20	28			2	2	0	0	4	3
6	2	1	7	B			5	1	0	0	0	48	46	168	30	20	29			2	2	0	0	4	3
7	2	1	7	B			5	2	0	0	0	52	52	172	39	22	35			2	2	0	0	4	3

Saião/S.to António (Vinhó) - Trata-se de uma necrópole que se situa na freguesia de Vinhó (coordenadas 243.95/391.9 GAUSS, fl. 201 *Carta Militar de Portugal*, escala 1:25 000, alt. 550 m) constituída por oito sepulturas, sendo cinco das quais antropomórficas, duas não antropomórficas e outra indeterminada, por se encontrar parcialmente destruída. Os terrenos onde se encontram implantadas as sepulturas pertenceram ao Convento de S. Francisco. O actual edifício data de 1752. Porém, a ordem dos Templários, posteriormente Ordem de Cristo, deve ter-se instalado neste termo no século XII, não é, por isso, de descurar uma possível relação entre este facto e a construção das sepulturas.

As sepulturas 3 e 4, assim como a 5 e 6 estão escavadas no mesmo afloramento, à seme-lhança do que acontece na necrópole do Freixial, se estas sepulturas estiverem relacionadas com os monges templários, então é difícil atribuir os pares de sepulturas a relações familiares directas.

As orientações são bastante diversificadas e os comprimentos máximos variam entre 1,66 e 2,10 m.

N	S	CS	O	TG	TGA	TGB	c1	c2	P1	P2	L	Lm	C	Pf	c1'	c1''	R1	R2	CL	CC	M	A	IG	IC
1	2	1	1	B		4	4	0	0	0	48	42	187	31	19	20			3	2	0	0	4	3
2	2	1	2	B		1	6	0	0	0	58	55	182	32	18	34			3	1	0	0	4	3
3	2	2	5	?				0	0	0	50	50	?	40					4	3	0	0	4	3
4	2	2	5	B		4	0	0	0	0	54	54	?	28	22	30			2	3	0	0	4	3
5	2	1	7	B		1	1	0	0	0	48	42	189	19	18	28			3	1	0	0	4	3
6	2	1	7	B		1	1	0	0	0	44	38	172	28	12	30			1	3	0	0	4	3
7	2	1	4	A	2			1	0	1	43	42	166	29					5	3	0	0	4	3
8	2	2	4	A	2			0	0	0	64	60	210	18			1	2	2		0	2	4	3

### 3. Estudo comparativo

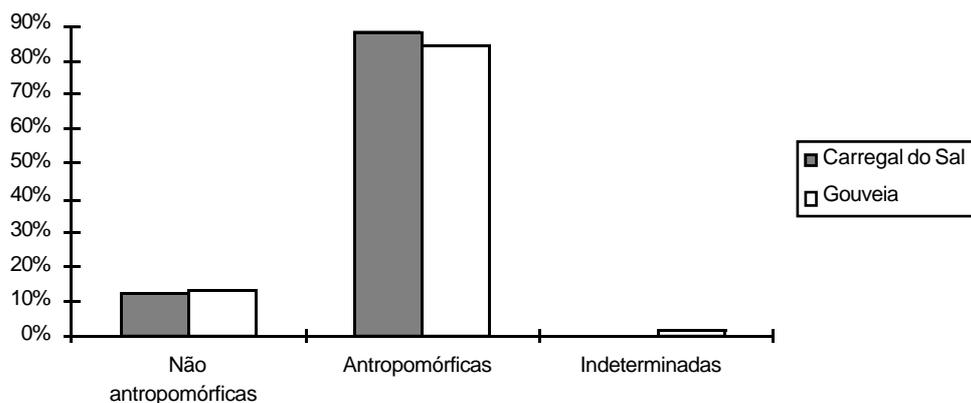
O estudo comparativo agora apresentado baseia-se em valores percentuais, na medida em que as amostras concelhias eram bastante divergentes e houve necessidade de normalizá-las. No concelho de Carregal do Sal o universo estatístico é de 25 sepulturas, enquanto no de Gouveia atinge as 61. Com o intuito de facilitar a comparação de alguns itens que caracterizam as sepulturas, elaboraram-se gráficos e quadros, nos quais a leitura é facilitada.

#### 3.1. Tipologias

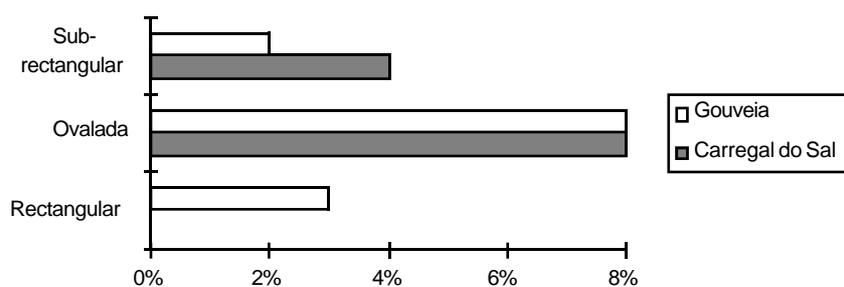
No que concerne à representatividade da situação das sepulturas, verificamos que a percentagem das sepulturas isoladas é mais ou menos equivalente em cada área estudada.

Contudo divergências significativas observam-se quer nos conjuntos de 2/3 sepulturas, quer nas necrópoles. Enquanto no concelho de Carregal do Sal os conjuntos chegam praticamente aos 60% da amostra, no de Gouveia não atingem os 40%. Em compensação, neste último, a percentagem de sepulturas agrupadas em necrópoles atinge os 50% e no Carregal apenas 20%.

## Tipologia Geral das Sepulturas



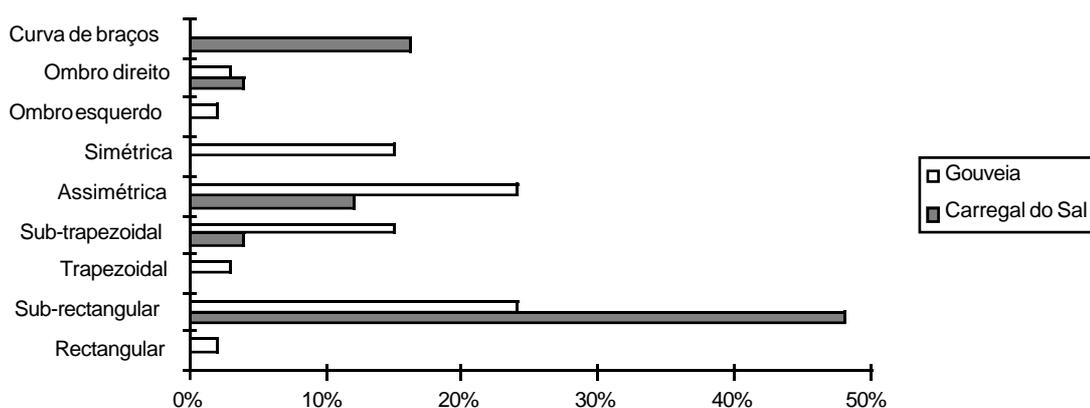
## Representatividade das tipologias das sepulturas antropomórficas



Quanto à tipologia geral das sepulturas, não há grande discrepância entre os concelhos, mas esta é bem patente quando comparamos o número de sepulturas não antropomórficas com as antropomórficas. Há apenas a assinalar dois casos de indefinição na zona de Gouveia, em consequência da destruição parcial das sepulturas.

A representatividade das tipologias das sepulturas não antropomórficas é curiosa, na medida em que a percentagem das ovaladas é exactamente a mesma nos dois concelhos, enquanto a sub-rectangular tem maior expressão no Carregal. Nesta área estão ausentes as sepulturas de tipologia rectangular.

## Representatividade das tipologias das sepulturas antropomórficas



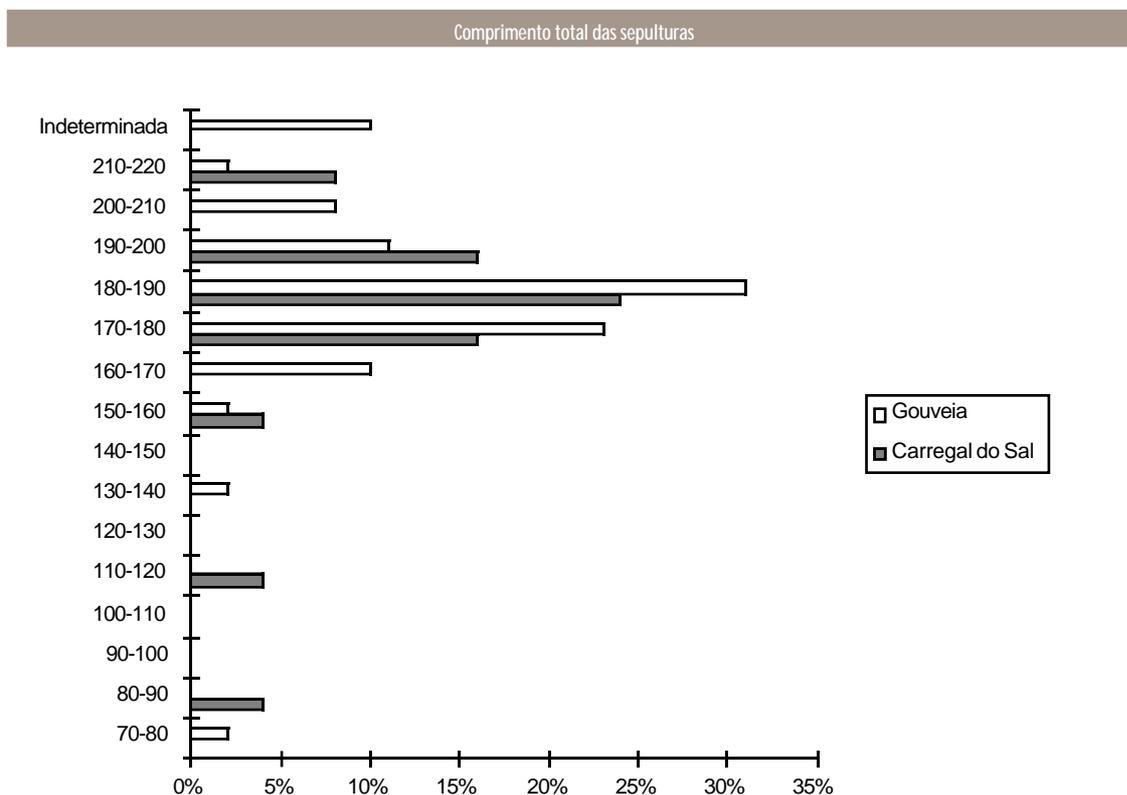
Quanto à representatividade das tipologias das sepulturas antropomórficas, a primeira conclusão é de que no concelho de Gouveia existe uma maior diversidade tipológica, estando todas as formas representadas, com excepção da forma que delinea a curva dos braços. Em compensação esta última chega aos 18% no Carregal. A maior frequência tipológica neste concelho, que não é tão variada, reflecte um maior destaque para as sepulturas sub-rectangulares, as quais constituem quase metade da amostra. Ao contrário deste município, no de Gouveia não existe nenhuma forma maioritariamente representada.

Notámos também que a execução das sepulturas do concelho de Gouveia, com algumas excepções, é mais imperfeita, o que levantou problemas ao nível da atribuição tipológica, podendo mesmo este facto explicar tal diversidade de tipologias.

## Representatividade das tipologias das cabeceiras das sepulturas

	<i>Carregal do Sal</i>	<i>Gouveia</i>
Arco ultrapassado	56%	13%
Rectangular	4%	20%
Trapezoidal	0%	2%
Arco peraltado	4%	10%
Volta perfeita	12%	18%
Assimétrica	0%	4%
Sub-rectangular	12%	13%
Cantos paralelipédicos	0%	4%
Cantos arqueados	0%	4%

Relativamente às cabeceiras das sepulturas, o fenómeno acima descrito repete-se, existindo em Gouveia todo o tipo de tipologias, onde a sua representatividade varia entre os 2 e os 20%.



No caso específico do Carregal do Sal, o arco ultrapassado é maioritário (56%), estando ausentes a cabeceira trapezoidal, assimétrica, com cantos paralelipédicos e cantos arqueados.

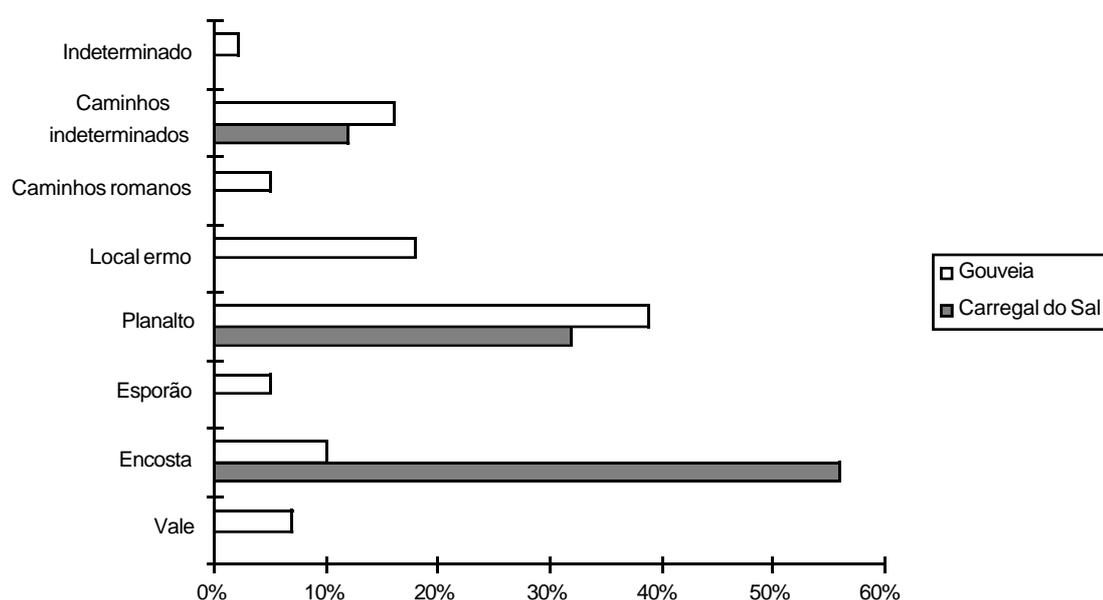
Um outro parâmetro que abordámos foi o da questão que se relaciona com o comprimento. Barroca estabeleceu que o comprimento das sepulturas em regra excede entre 10 a 20 cm a estatura do indivíduo sepultado. É normalmente considerado que as sepulturas com menos de metro e meio de comprimento devem ser atribuídas a crianças. Nos casos estudados foram detectadas algumas tanto num concelho como noutra, tendo todas elas comprimentos diversos. Apenas dois casos, um em cada concelho, podem ser consideradas de bebés. Em relação às sepulturas de adultos poderemos observar que a mediana em ambos os concelhos se situa entre os 180 e 190 cm. A maior concentração ao nível do comprimento encontra-se entre os 170 e os 200 cm, pelo que podemos afirmar que a maioria dos indivíduos inumados nas sepulturas estudadas teriam uma estatura entre os 150/160 e os 180/190 cm. Naturalmente, através desta análise torna-se difícil estabelecer diferenciações sexuais (já que não defendemos a diferenciação sexual ao nível tipológico), podendo apenas especular-se que os casos com dimensões longitudinais entre os 150 e 180 cm poderão ser atribuíveis a jovens ou mulheres, tendo em conta que estes no geral têm menor estatura. Nesta ordem de ideias as que se situam entre os 200 e os 220 cm pertenceriam mais logicamente a homens.

### 3.2. Localização das sepulturas e geologia

Na análise das áreas de implantação das diversas sepulturas estabelecemos três parâmetros, um que se refere à implantação geológica, outro à geográfica e um terceiro à implantação cul-

tural, este último por possuímos poucos dados não é aqui abordado. Em termos de área geológica a comparação entre os dois concelhos permitiu observar que a maioria das sepulturas, quer num, quer noutro foram implantadas em afloramentos rochosos, na sua maioria graníticos. Há no entanto a registar em Gouveia um caso cuja rocha base é o xisto.

Implantação geográfica das sepulturas



## 4. Integração espaço-cultural

### 4.1. Cronologias/Tipologias

No âmbito geral tipológico existem dois grandes grupos: o das sepulturas não antropomórficas e o das sepulturas antropomórficas. A maioria dos autores considera o primeiro mais antigo do que o segundo, no entanto nada assegura que a evolução no sentido do antropomorfismo tenha sido simultâneo em toda a Península Ibérica, poderemos estar perante evoluções crono-tipológicas regionais ou mesmo locais. A evolução defendida por Castillo, e posta em causa por muitos autores, não parece adaptar-se à diversidade tipológica encontrada nos casos estudados neste trabalho. Posição, aliás também defendida por Mário Barroca “a variedade tipológica encontrada no Entre-Douro-e-Minho parece recomendar que se contemple, pelo menos nesta área, uma maior diacronia e flexibilidade pois a evolução pode não ter sido tão linear quanto Castillo supôs.” (Barroca, 1987, p. 135).

O processo evolutivo do não antropomorfismo para o antropomorfismo seria caracterizado, segundo alguns autores que seguem a linha defendida por Castillo, por o delineamento do ombro esquerdo. Caso exista realmente este processo de transição, defendemos que a visão

acima exposta é demasiado redutora, pelo menos no respeitante à área tratada, o mais provável é ter havido múltiplas variáveis que conduziram ao pleno antropomorfismo, nomeadamente a cabeceira mal delineada ou mais descaída para um lado ou para o outro, o delineamento apenas do ombro direito, ou do esquerdo, etc.

Dentro do antropomorfismo nada comprova que as diferenças tipológicas sejam explicadas unicamente em termos temporais, se assim o considerássemos parece lógico que a necrópole do Casal das Pias ou o sarcófago da Fonte de S. João (Gouveia) sejam posteriores às restantes. Deste modo, características tipológicas como o delineamento dos braços (como acontece no concelho de Carregal do Sal), a existência de cantos que estruturam a cabeceira ou o rebordo total-elevado, são indicadores de uma cronologia mais tardia. Todavia, podemos analisar este fenómeno noutra perspectiva: “julgamos que a cada módulo tipológico poderá corresponder a um tipo de investimento diferente” (Tente e Martins, 1994, p. 286), ou seja, uma sepultura de rebordo requer mais dispêndio (quer económico, técnico e de tempo). Tal significaria que a variação tipológica poderia estar directamente relacionada com o estatuto sócio-económico do inumado (Ariès, 1988), assim sendo o mais provável é que as pessoas de menos posses não poderiam enveredar por este tipo de inumação, desta forma as sepulturas escavadas na rocha seriam destinadas a grupos sociais detentores de maior poder económico.

É natural que as vias de comunicação e a própria existência ou não de um contacto inter-regional poderão ter sido factores condicionantes das tipologias, assim em algumas áreas mais isoladas as pervivências de rituais e formas de inumação ter-se-iam prolongado no tempo. É de salientar, estas permanências durante o século XIII e XIV na Sé do Porto e no Convento da Costa, mas temos de admitir que estas cronologias possam ser dilatadas para a área estudada.

Na realidade as questões relacionadas com cronologias e tipologias deste tipo de vestígio são meras suposições não comprovadas, pois raras são as escavações com estratigrafias preservadas com materiais contextualizados. Também é de notar que o granito no qual são escavadas a maioria destas sepulturas não permite a preservação osteológica, devido à sua acidez, tal só acontece em casos excepcionais.

#### **4.2. Construção das sepulturas e rituais de morte**

As sepulturas inacabadas hoje conhecidas permitem identificar as várias etapas de construção. As razões do não acabamento de sepulturas são inúmeras, podendo apontar-se os erros de dimensões, orientação ou localização, assim como a reabilitação do moribundo.

O processo iniciar-se-ia com a escolha do local de implantação e a definição da orientação da sepultura, isto é, se admitirmos que os cânones cristãos relativos à orientação eram respeitados, ou seja com a cabeça virada para Oriente, onde é suposto aparecer Deus no dia do juízo final. Nos presentes casos estudados a questão da orientação cristã não foi totalmente seguida, tal facto poderá ser explicado em termos de aproveitamento dos afloramentos e ao nível da não completa difusão destas recomendações junto das populações mais isoladas, como parecem ser o caso. Corroborando esta ideia está o facto de não existirem nas situações aqui expostas, quer as do concelho de Carregal do Sal quer as de Gouveia, relações entre sepulturas e edifícios religiosos, os quais muitas vezes condicionavam a orientação das necrópoles que os envolviam (Barroca, 1987).

Numa segunda fase proceder-se-ia à marcação na rocha da superfície a escavar, através de picotado, seguidamente seria escavado o interior com mais ou menos profundidade, num último momento efectuar-se-ia o alisamento da superfície interna das sepulturas assim como outro tipo

de acabamentos. É de salientar que a dimensão do defunto era previamente considerada, devendo a da sepultura exceder cerca de 10 a 20 cm a estatura do morto, sendo assim possível estabelecer médias de estatura e inclusive deduzir a condição sexual do inumado.

Esta solução de inumação necessita de um conhecimento da arte de trabalhar a pedra e o recurso a instrumentos metálicos, como o pico de ferro, que nem todas as pessoas certamente possuíam, lembremos que durante a Idade Média grande parte dos instrumentos agrícolas eram feitos de madeira. Por isso discordamos de alguns autores que defendem que qualquer indivíduo estaria apto a executar uma sepultura, a existência de pedreiros profissionais apresentava-se mais viável. Contudo se pensarmos na distribuição das sepulturas como reflexo de um povoamento disperso, é descabida a hipótese de existirem em todos os pequenos núcleos populacionais pessoas com esta vocação, desta forma a circulação regional destes indivíduos é a hipótese que melhor se adequa à realidade estudada.

Autores como Bolós e Pagés defenderam que as sepulturas isoladas teriam sido construídas por ermitas que nelas se faziam sepultar, o que contribui para a grande diversidade tipológica, encontrada por exemplo no concelho de Gouveia. É de destacar que a Beira Alta foi uma das zonas preferenciais para a instalação de comunidades eremíticas a partir do século XII, não querendo isto dizer obviamente que estas comunidades seriam responsáveis por todas as sepulturas escavadas na rocha.

Com a difusão do cristianismo a inumação é adoptada, e contrariamente ao paganismo dá-se o transporte dos mortos para junto dos vivos, instala-se pois um novo culto ao morto do qual já não fazem parte as oferendas votivas, no entanto segundo Barroca “o costume de se fazer acompanhar o cadáver de uma peça cerâmica seja uma prática tendente a diminuir a partir do século VII, ele nunca se extinguiu completamente. São conhecidos exemplos dos fins da Alta Idade Média e da Baixa Idade Média, e o hábito manteve-se durante mais alguns séculos” (Barroca, 1987, p.18), ou seja há que ter em linha de conta que estes processos de transição cultural-religiosa não são estanques e que as pervivências de hábitos mais antigos foram uma realidade. Portanto, muitos dos achados associados espacialmente às sepulturas, como as *tegulae* e cerâmicas comuns, ou fazem parte de uma estação arqueológica de época diferente à das sepulturas, havendo uma coincidência espacial de períodos temporais divergentes, ou de facto são da mesma época, tratando-se de materiais com longas diacronias, que se encontram descontextualizados. No caso específico da sepultura n.º 2 da Tapada (Gouveia) foi encontrada dentro desta um pé de copo romano, é de salientar que este poderá ter vindo incluído no possível transporte de terras que se efectuou ao longo do tempo. No estudo efectuado por Adolfo Marques identificaram-se 77 estações com materiais deste género associados às sepulturas, porém só em 17 há uma datação segura e apenas em 5 a cronologia pode ser considerada dos séculos IV e V (Marques, 1995). Por tal deve-se ter muita cautela quando se relaciona cronologicamente as sepulturas com estes artefactos.

A análise dos concílios peninsulares permite observar um vazio legislativo no que concerne às práticas funerárias, denotando-se uma certa liberdade de escolha das soluções adoptadas pelos primeiros cristãos, na realidade na época a que nos reportamos os rituais fúnebres eram mais do domínio privado familiar. Provavelmente um dos momentos mais importantes seria o do ritual da lavagem do corpo, antes deste ser envolvido num sudário. Castillo em 1972 relaciona as pequenas pias escavadas na rocha, que encontrou junto das sepulturas em Revenga, com o ritual de lavagem do morto. Na necrópole do Risado foram identificadas duas estruturas circulares escavadas na rocha, nas imediações das sepulturas 3 e 4 (Tente e Martins, 1994), que hoje interpretamos como possíveis pias de lavagem dos defuntos, à semelhança do que acontece nos casos estudados por Adolfo Marques e Barroca.

Mattoso refere que “o medo dos mortos suscita também uma grande quantidade de rituais que consistem, de alguma maneira, em imobilizar o cadáver (decapitá-lo, atar-lhe as pernas, pregar-lhes os pés, amontoar pedras sobre a sepultura, colocar lages sobre o túmulo, etc.), em provocar a saída imediata do seu espírito, em impedir que o seu espírito regresse ao corpo, tapando cuidadosamente todos os seus orifícios, etc.” (Mattoso, 1997, p. 7). É interessante relacionar estas práticas com as sepulturas antropomórficas, em que o processo de imobilização da cabeça foi materializado na individualização da cabeceira, relativamente aos pés parece ter havido também esta preocupação de imobilizar, são exemplos as sepulturas do Carvoeiro n.º 3, da Quinta das Moiras n.º 1 e da Moita do Cume (Gouveia), quem sabe se nestes casos não se pregariam os pés. Após a deposição do morto na sepultura proceder-se-ia ao fechamento desta, tal podia ser feito através de uma tampa monolítica. No estudo efectuado só se encontrou uma tampa que do lado interno foi escavada, de forma a servir de “rolha” de uma sepultura ovalada (necrópole do Risado), mas os exemplos de rebordos rebaixados ou zonas de encaixe de tampas são inúmeros. Outra solução que tem sido apontada para esta época é a da cobertura por pequenas pedras ou lages, que tal como no caso das tampas monolíticas, podiam ou não ser cobertas por camadas de terra. No caso de Ranhados (Viseu) isso parece ter acontecido. Para Barroca a despersonalização dos cemitérios rupes-tres é total, nenhum elemento individualizaria as sepulturas (Barroca, 1987). Saliente-se que as tampas decoradas reflectem uma individualização, perdendo-se o sentido do anonimato. Mas no entanto a utilização de materiais percíveis para assinalar os túmulos não deve ser posta de lado, o caso da necrópole do Risado parece ser sintomático de uma dessas realidades, a existência de um penedo alto onde foram escavados degraus e cujo o topo possui um pequeno orifício coloca a possibilidade de ter havido aí um poste de madeira que sustentaria algo.

### 4.3. *Localização*

A perceptibilidade dos monumentos funerários na paisagem tem sido defendida por diversos investigadores, para os quais a escolha do local era norteada por preocupações de destaque ou de localização junto a caminhos, seguindo a tradição romana. Relativamente aos caminhos, é difícil determinar a antiguidade destes, se bem que nos casos estudados exista uma constante localização perto de vias de comunicação, a verdade é que a sua atribuição cronológica é um problema sempre inerente, podendo ser contemporâneos da implantação das sepulturas ou posteriores.

Quanto às preocupações de destaque acima referidas, não parecem ter sido consideradas nos casos estudados: as sepulturas encontram-se em locais sem proeminência espacial, passando perfeitamente despercebidas na paisagem.

Algumas necrópoles estão associadas a templos, como é o caso do Convento de Santa Mari-nha da Costa, seguindo o pressuposto de que uma aproximação ao espaço religioso facilitaria a salvação da alma. Nos inícios da segunda metade do século VI, o cânone XVIII do primeiro Concílio de Braga chegou mesmo a condenar os enterramentos dentro das igrejas. Contudo estas recomendações não devem ter sido plenamente aceites, já que nos posteriores concílios os avisos continuaram a ser formulados pela Igreja. Tanto no concelho de Carregal do Sal como no de Gouveia, não existe associação entre sepulturas e templos, reflectindo talvez uma organização paroquial pouco consistente.

#### 4.4. Povomento e paróquias

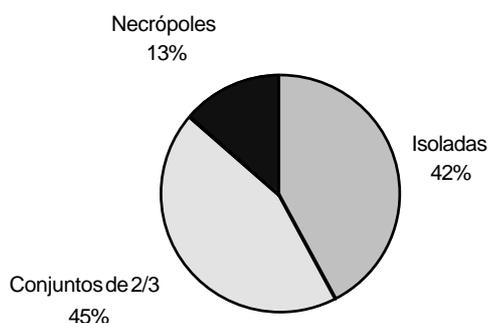
Ao longo do estudo efectuado deparámo-nos com um povoamento disperso, indiciado tanto pelo isolamento e dispersão das sepulturas, como pela inexistência de grandes necrópoles, que nos cinco casos registados possuem no máximo oito sepulturas. Para além das comunidades eremíticas acima assinaladas, terá existido nas áreas estudadas agregados familiares mais ou menos alargados que habitariam em pequenos casais agrícolas. Outro problema que se levanta é o de não podermos considerar as sepulturas como um reflexo da população existente, mesmo admitindo reutilizações não é verosímil que neste longo espaço de tempo houvesse uma densidade populacional tão baixa. Retomamos por isso a ideia já expressa que este tipo de enterramento não seria exclusivo havendo, certamente outras modalidades.

“Desde os fins do século XI e durante o século XII, o modelo paroquial resultante da reforma gregoriana vai introduzir a ideia de territorialização paroquial, implicando com isso a definição de deveres e direitos dos paroquianos a elas ligados desde o baptismo” (Marques, 1995, p. 219). Assim, os lugares como a igreja, o adro e o cemitério passariam a atrair tanto os mortos como os vivos sob a protecção sagrada de Deus.

No que concerne ao relacionamento entre as sepulturas escavadas na rocha e as paróquias, sejam elas suevas ou posteriores, não se detectou nenhuma coincidência. Almeida Fernandes, no artigo “Paróquias suevas e dioceses visigóticas”, refere a existência de uma paróquia na região do actual concelho de Gouveia, denominada *Coleia*. Todavia, nenhuma das estações identificadas pode associar-se espacial e cronologicamente a esta paróquia. Como atrás foi escrito, não há relação entre as sepulturas e possíveis lugares de culto, o que torna improvável, pelo menos no concernente ao presente estudo, a ligação entre este tipo de vestígio e as paróquias.

### 5. Sepulturas Medievais

Representatividade dos Contextos de implantação



As sepulturas estão agrupadas em três contextos distintos: sepulturas isoladas, conjuntos de duas ou três e necrópoles.

Os conjuntos de 2 e 3 sepulturas são os mais representados, estes foram definidos por Castillo como sendo panteões familiares, correspondendo as antropomórficas à inumação masculina e as não antropomórficas à feminina e infantil. Mas os exemplos por nós estudados não confirmam esta tese, na medida em que os conjuntos são na sua maioria antropomórficos, havendo

apenas um exemplo de uma situação em que coexistem uma sepultura antropomórfica e outra ovalada infantil (Papisios- Carregal do Sal). Foi igualmente detectado um conjunto constituído por três sepulturas não antropomórficas, sendo uma delas de bebé (Castelo-Gouveia). Se de facto estes conjuntos representam núcleos familiares não haveria uma diferenciação sexual expressa nos módulos tipológicos. Outro aspecto a destacar, é que se existem sepulturas infantis, logicamente existiriam mulheres, então ou estas não eram inumadas em sepulturas escavadas na rocha, ou não haveria distinção entre uns e outros.

Ao analisarmos a matéria-prima onde são escavadas as sepulturas, verificamos que o granito é predominantemente de grão grosso, o que dificulta a execução de sepulturas antropomórficas de pequena dimensão (infantis e bebés), pois não permite uma precisão do talhe.

Como se pode constatar as sepulturas isoladas têm uma boa representatividade no conjunto estudado, tal situação pode-se explicar pela ausência do costume de centralização dos mortos no espaço. Alguns autores defendem também que as sepulturas isoladas podem ser atribuídas a ermitas, no entanto não passa de uma mera hipótese tão viável como a atribuição dos túmulos a outros indivíduos.

Como já foi referido estão ausentes das áreas estudadas as necrópoles de grandes dimensões como são os caso das necrópoles da Tapada do Anjo e Forçadas em Fornos de Algodres (Valera, 1990), do Senhor da Boa Morte em Vila Franca de Xira (Calais, 1993) e casos estudados por Barroca no Entre-Douro-e-Minho. As necrópoles de maior dimensão aparecem muitas das vezes associadas a edifícios religiosos. Quer no Carregal quer em Gouveia, estas realidades não se verificam, as necrópoles para além de terem pouca representatividade no conjunto total dos levantamentos efectuados, são constituídas por um número reduzido de sepulturas. Mais uma vez a explicação pode residir numa organização de índole familiar, ainda que nestes casos possa ser mais alargada. Também aqui a hipótese de atribuição sexual a tipologias não se apresenta verosímil, apenas nas necrópoles do Risado e Saião/Santo António (Gouveia) foram encontradas quatro sepulturas não antropomórficas num total de quinze sepulturas associadas em necrópole registadas.

## 6. Concluindo...

A maior diversidade de soluções a nível tipológico identificada nos casos estudados do concelho de Gouveia, relativamente aos abordados para o concelho do Carregal do Sal, poderão encontrar explicação em dois factores distintos: o primeiro refere-se à dimensão do universo de cada concelho; o segundo relaciona-se com questões de ordem cultural.

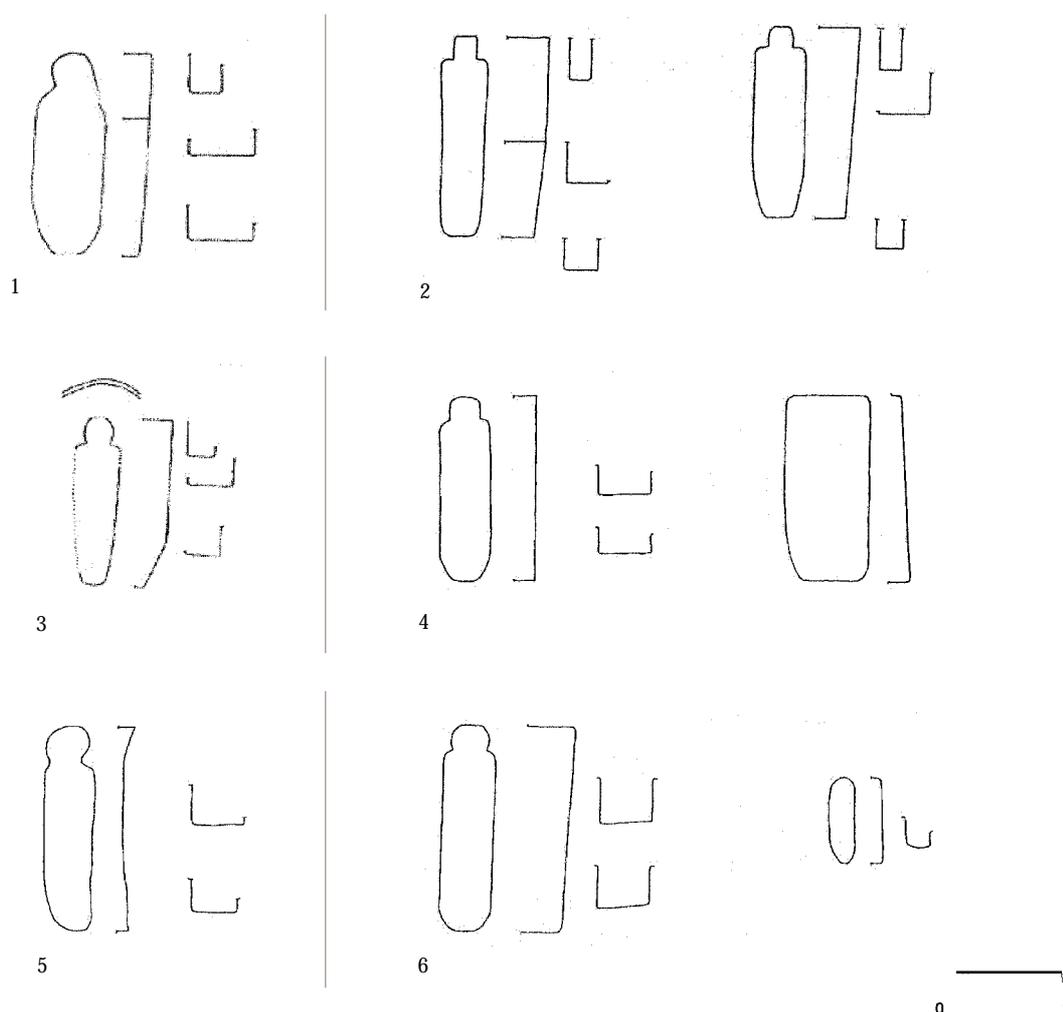
A diferença de densidade de sepulturas não se deve a uma falha de investigação, pois o concelho do Carregal foi integralmente prospectado, aliás os resultados de investigações semelhantes feitas nos concelhos limítrofes apontam sensivelmente para os mesmos números (Marques, 1995). Outra solução reporta-se à abertura cultural do concelho, é provável que na área do Carregal a diacronia de utilização seja menor e que um maior número de soluções de inumação tivessem sido adoptadas. É pouco verosímil que o concelho do Carregal fosse menos povoado que o de Gouveia, mesmo tendo em conta que a densidade das sepulturas não reflecte definitivamente a densidade real da população.

Apesar dos concelhos estudados não serem muito distantes um do outro, são-no suficientemente para existirem diferenças regionais, ainda hoje possíveis de detectar. É provável que a região de Gouveia fosse uma área mais fechada aos contactos externos, deste modo haveria aí uma evolução tipológica própria e uma pervivência deste tipo de rituais de inumação ao longo

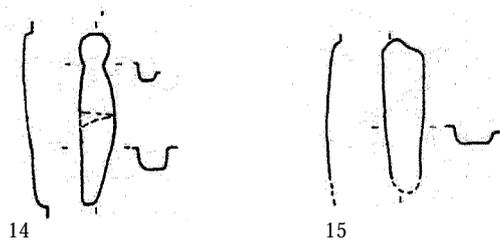
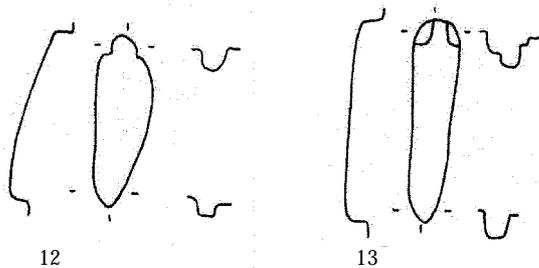
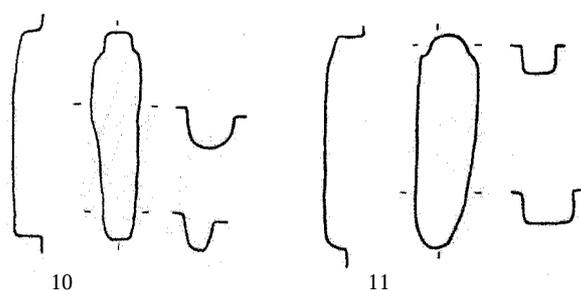
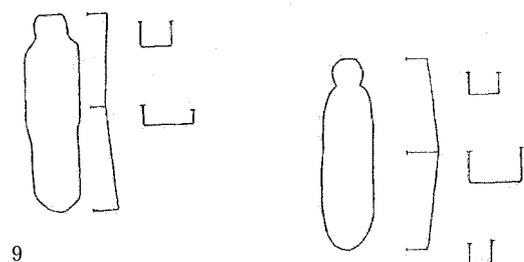
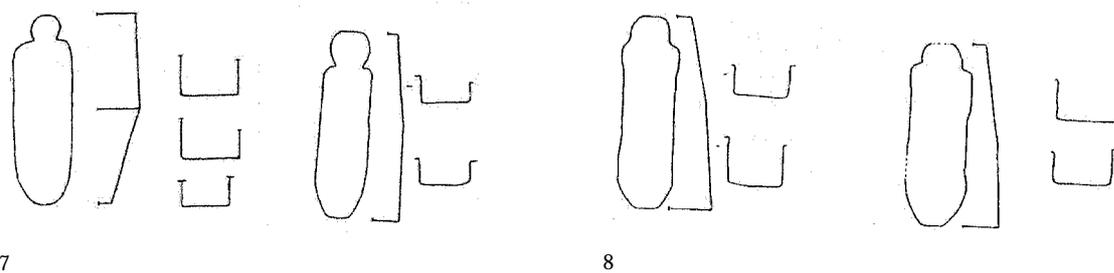
de vários séculos. Em contrapartida o concelho do Carregal encontra-se numa região de passagem tradicional, não estando envolvida por relevos montanhosos e íngremes que dificultem os contactos com outras zonas.

Uma das soluções alcançadas com este estudo é a de que a dispersão dos vestígios sepulcrais reflecte um povoamento disperso, a pequena dimensão e a fraca representatividade das necrópoles parece confirmar esta hipótese interpretativa. Outra ilação a retirar é a de que não há uma exclusividade orientativa das sepulturas. Quanto à cronologia pouco ou nada podemos adiantar relativamente a outros trabalhos já publicados, a ausência de escavações e consequentemente de sequências estratigráficas para as regiões estudadas não permitem avançar com novos dados mais precisos, ficando-nos apenas pela lata integração cronológica que tem sido atribuída a este tipo de sepulturas. Contudo, acreditamos que cada região tem os seus ritmos e as suas peculiaridades, tornando-se por isso imprescindível a realização e o aprofundamento dos estudos regionais.

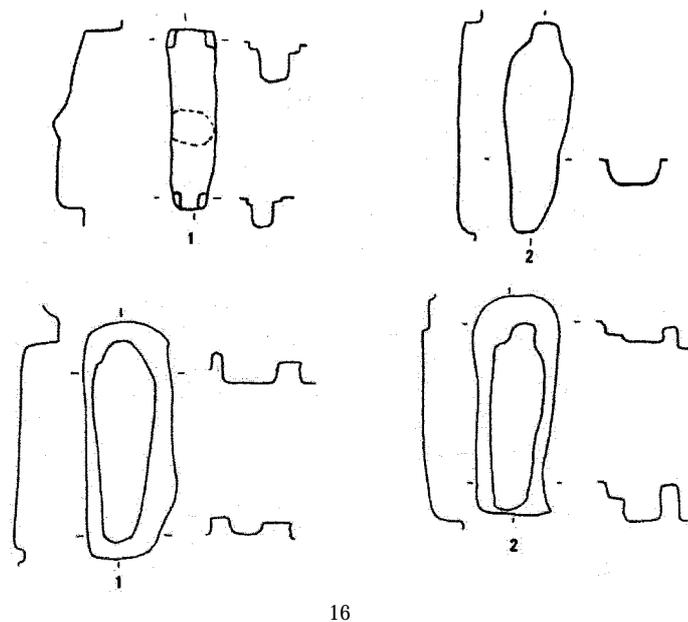
## SEPULTURAS



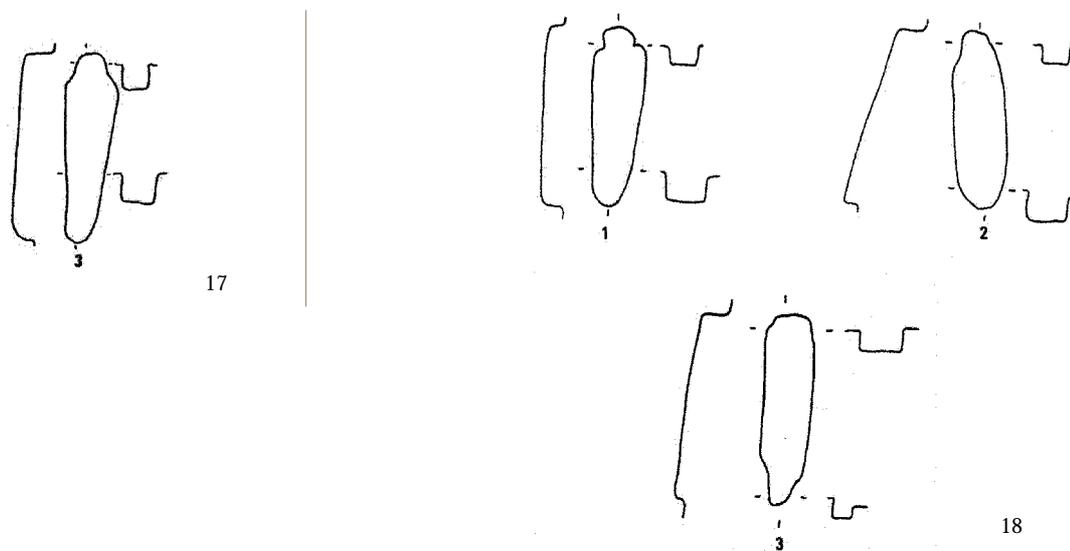
**Fig. 1** Travanca de S. Tomé; **Fig. 2** Póvoa de Stº Amaro; **Fig. 3** Albergaria; **Fig. 4** Avelreira; **Fig. 5** Vila Meã; **Fig. 6** Oliveira do Conde;



**Fig. 7** Cabanas de Viriato; **Fig. 8** Vila Meã; **Fig. 9** Beijós; **Fig. 10** Dr. Mário Figueira; **Fig. 11** Chão do Pinto; **Fig. 12** Casal de S. Pedro; **Fig. 13** Quinxozo; **Fig. 14** Cama da Moura; **Fig. 15** Castelo.

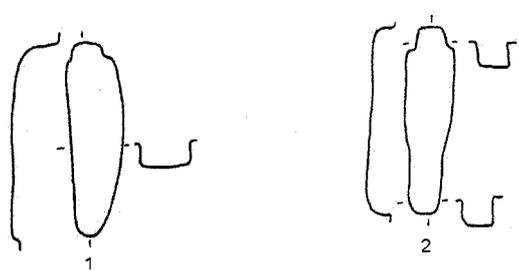


16



17

18



19

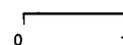


Fig. 16 Quinta da Moura; Fig. 17 Safail; Fig. 18 Carvoeiro; Fig. 19 Freixial.

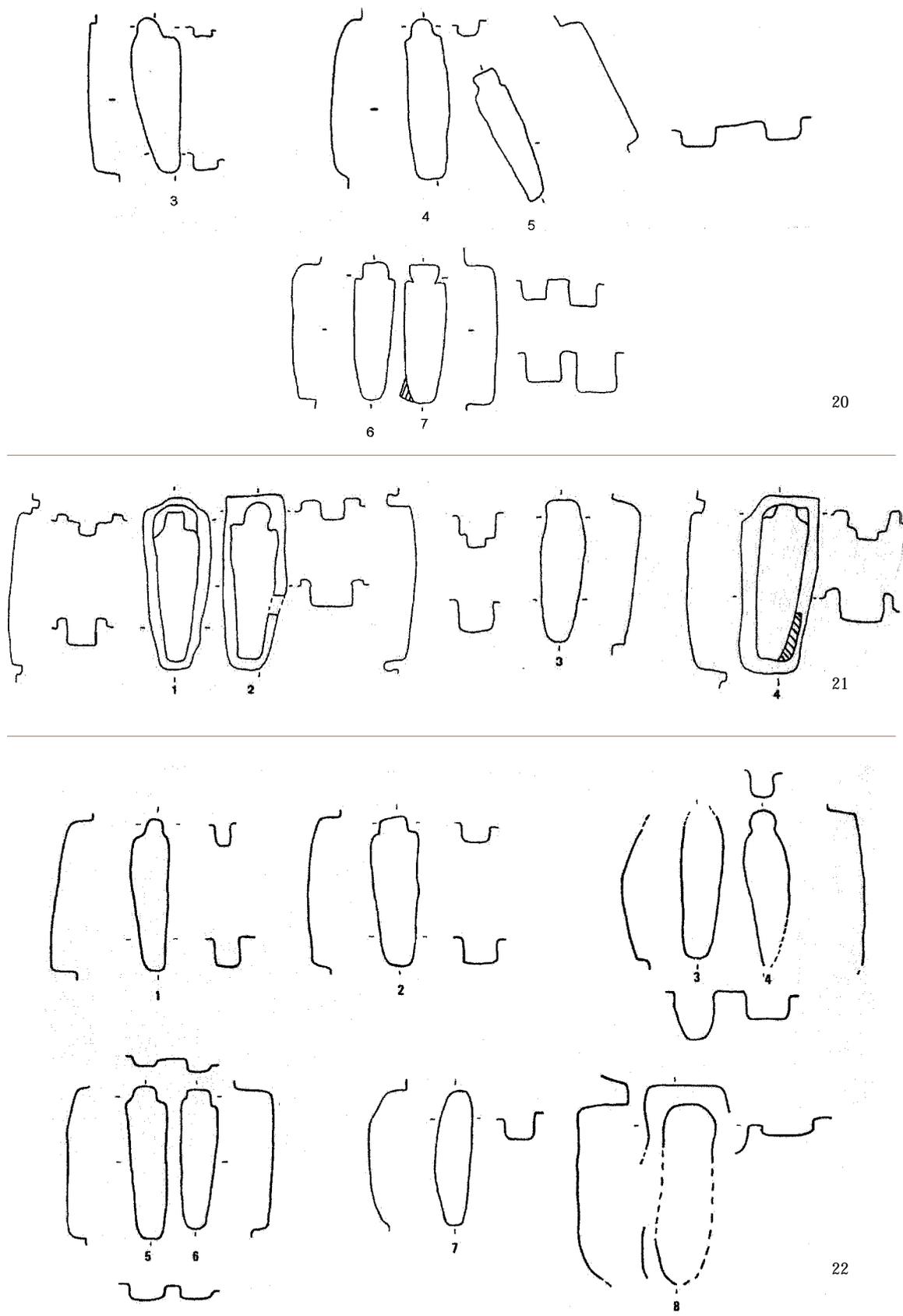


Fig. 20 Freixial; Fig. 21 Casal das Pias; Fig. 22 Saião/Stº António.

0 1

## LEGENDA TIPOLOGICA

N- Número da sepultura	TGB – Tipologia B	p2- Plano da área dos pés	CC- Corte longitudinal
<b>S- Situação da sepultura</b>	0-rectangular	0-leito e pés no mesmo plano	0-rectangular
0-isolada	1-sub-rectangular	1-leito e pés em planos diferentes	1-sub-rectangular
1-em grupos de dois ou três	2-trapezoidal	2-“almofada” rebaixada	2-plano inclinado
2-necrópole	3-sub-trapezoidal		3-assimétrico
	4-assimétrica		
	5-simétricas	<b>L- Largura máxima</b>	<b>M- Rocha de base</b>
<b>CS- Conservação</b>	6-ombro esquerdo	<b>Lm- Largura a meio</b>	0-granito
0-inteira com tampa	7-ombro direito	<b>C- Comprimento</b>	1-xisto
1-inteira sem tampa	8-curva de braços		
2-fracturada	c1- Cabeceira	<b>Pf- Profundidade média</b>	<b>A-Área</b>
3-inacabada	0-arco ultrapassado		0-afloramento
	1-rectangular	<b>c1'- Comprimento da cabeceira</b>	1-aproveitamento de diaclase
<b>0- Orientação</b>	2-trapezoidal ou angulosa	<b>c1"-Largura da cabeceira</b>	2-penedo isolado
0-Norte	3-arco peraltado		3-“caixão”
1-Sul	4-volta perfeita	<b>R1- Rebordo 1</b>	
2-Este	5-assimétrica	0-total	<b>IG- Implantação</b>
3-Oeste	6-sub-rectangular	1-parcial	0-vale
4-Noroeste	7-cantos		1-encosta
5-Nordeste	7.1- paralelipipédicos	<b>R2- Rebordo-tipo</b>	2-monte
6-Sudoeste	7.2- arqueados	0-horizontais	3-esporão
7-Sudeste	7.3- meia lua	1-elevados	4-planalto
		2-rebaixados	5-local ermo
<b>TG- Tipologia geral</b>	<b>c2- Plano da cabeceira</b>		6-terrenos agrícolas
A-não antropomórfica	0-cabeceira e leito no mesmo plano	<b>CL- Corte lateral</b>	7-junto a caminhos
B-antropomórfica	1-cabeceira e leito em planos diferentes	0-trapezoidal fechado	7.1- romanos
	2-“almofada”	1-trapezoidal aberto	7.2- medievais
<b>TGA – Tipologia A</b>		2-rectangular	7.3- indeterminados
0-rectangular	<b>p1- Pés</b>	3-sub-rectangular	
1-trapezoidal		4-losânguico	<b>IC- Implantação cultural</b>
2-ovalada	0-não destacados	5-assimétrico	0-temple rupestre
3-sub-rectangular	1-destacados		1-igreja
			2-capela
			3-outro

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de (1988) - *Roman Portugal*. Vol. 2. Warminster : Aris & Philips, Ltd.
- ALARCÃO, J. de (1988) - *O domínio romano em Portugal*. Lisboa : Europa América.
- ALARCÃO, J. de (1993) - *Arqueologia da Serra da Estrela*. Manteigas : Parque Natural da Serra da Estrela.
- ANTUNES, M. G. (1994) - Torre, Figueiró da Granja (Fornos de Algodres): notícia preliminar da campanha de 1994. *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.* Lisboa. 2, p. 236-266.
- ARIÉS, P. (1987) - *Sobre a história da morte durante a Idade Média*. Lisboa : Teorema.
- ARIÉS, P. (1991) - *O Homem perante a morte*. Vol. 1. Mem-Martins : Europa América.
- ARSÊNIO, P. ; BATATA, C. (1992) - Sepulturas escavadas na rocha da região de Tomar. *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar*. Tomar. 16, p. 92-102.
- AZEVEDO, R. de (1958-1962) - *Documentos medievais portugueses-docs. Régios*. Vol. 1. Lisboa : Academia Portuguesa da História.
- BARROCA, M. J. ; MORAIS, A. C. (1984) - Sepulturas medievais na terra de Aguiar da Pena (Vila Pouca de Aguiar). *Arqueologia*. Porto. 8.
- BARROCA, M. J. (1987) - *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séc. V a XV)*. Dissertação para Provas Públicas de Capacidade Científica, apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. Policopiado.

- BARROCA, M. J. (1989) - Sepulturas escavadas na rocha. *Arqueologia*. Porto. 19.
- BIELSA, M. A. (1975) - Necrópolis altomedievales en Aragón. In *Actas del XIII Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza : [s.n.], p. 995-1002.
- BIELSA, M. A. (1997) - Tipología de las tumbas antropomorfas de la zona aragonesa al norte del Ebro. In *XIV Congreso de Arqueología*. Zaragoza : [s.n.], p. 1235-1239.
- CASTELO-BRANCO, F. (1966) - Duas notas sobre sepulturas antropomórficas. *Ethnos*. Lisboa. 5, p. 421-426.
- CASTILLO, A. del (1972) - Excavaciones altomedievales en las provincias de Sória, Logroño y Burgos (Excavaciones Arqueológicas en España : 47). Madrid : [s.n.].
- CRUZ, A. (1940) - Cronologia das sepulturas escavadas na rocha. In *Congresso do Mundo Português*. Vol. 1, Lisboa : [s.n.], p. 589-592.
- CUNHA, E. [et al.] (1993) - Antropologia de duas necrópoles medievais do Norte de Portugal: Fão e Chafé, um exemplo de duas escavações «antagónicas». In *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular* [Trabalhos de Antropologia e Etnologia. Porto. 33:1-2], p. 431-447.
- FERNANDES, A. de A. (1968) - Paróquias suevas e dioceses visigóticas. *Arquivo do Alto Minho*. 14-16. Viana do Castelo.
- FIGUEIREDO, M. de (1953) - Subsídios para o estudo da viação romana das Beiras. *Beira Alta*. Viseu. 12, p. 27-63.
- GIRÃO, A. (1933) - Sepulturas antropomórficas abertas na rocha. In *Homenagem a Martins Sarmiento*. Guimarães : [s.n.], p. 122-124.
- LOPES, V. ; BOIÇA, J. (1992) - A necrópole e ermida da Achada de S. Sebastião de Mértola. *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p.17-29.
- MARQUES, J. A. (1991) - Sepulturas rupestres de Côta. *Beira Alta*. Viseu. 50:1-2, p. 169-178.
- MARQUES, J. A. (1995) - *Sepulturas escavadas na rocha na região de Viseu*. Dissertação de Mestrado em arqueologia apresentada á Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto : Policopiado.
- MARQUES, J. A. ; GAMA, T. M. (1990) - Necrópole medieval das Forcadas. *Boletim Municipal da Câmara Municipal de Fornos de Algodres*. Viseu. 16, p. 5.
- MARQUES, J. A. (1992) - Contributo para o das sepulturas escavadas na rocha: Necrópole das Forcadas (Matança, Fornos de Algodres). *Beira Alta*. Viseu. 51:1-2, p. 85-129.
- MASCLANS, J. B. ; PARRETAS, M. P. (1982) - Les sepultures escavades a la roca. *Acta Historica et Archaeologica*. Annex 1. Barcelona, p. 59-104.
- MATTOSO, J. (1985) - A história das paróquias em Portugal. In *Portugal medieval: novas interpretações*. Lisboa : INCM, p. 37-56.
- MATTOSO, J. (1997) - Pressupostos mentais do culto dos mortos. *Arqueologia Medieval*. Porto. 5, p. 5-11.
- PEDRO, I. (1990) - Sepulturas escavadas na rocha do distrito de Viseu. In *Actas do 1º Colóquio Arqueológico de Viseu*. Vol. 2. Viseu, p. 2-27.
- PINTO, A. N. (1983) - Notas sobre a necrópole medieval da igreja matriz de Mangualde. *Mundo da Arte*. Coimbra. 16, p. 67-70.
- RIU, M. (1977) - La arqueologia medieval en España. *Manual de Arqueologia medieval*. Barcelona.
- RIU, M. ; BOLÓS, J. (1982) - Observacions metodològiques, esquemes i fitxes de treball per a l'estudi de les sepultures. *Acta Historica et Archaeologica Mediaevalia*. Annex 1. Barcelona, p. 11-28.
- ROCHA, A. dos S. (1901) - Sepulturas abertas na rocha viva. *O Archeólogo Português*. Lisboa. 6, p.79-80.
- SANTOS, A. dos (1974) - Uma sepultura escavada na rocha. *Beira Alta*. Viseu. 33.
- SANTOS, A. C. (1993) - Contributo para o estudo das sepulturas rupestres do Monte do Senhor da Boa Morte. *Boletim Cultural CIRA*. Vila Franca de Xira. 5, p. 11-48.
- SILVA, J. C. (1989) - O problema das sepulturas abertas na rocha: subsídios para o seu estudo, com base numa amostra colhida na Orca (Fundão). In *Actas do 1.º Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu : [s.n.], p. 509-521.
- TAVARES, L. M. - *Sepulturas escavadas na rocha no concelho de Mangualde*. [S.L. : s.n.].
- TENTE, C. ; MARTINS, A. (1994) - Levantamento arqueológico do concelho de Gouveia, 1ª fase: a necrópole medieval do Risado, o conjunto de Carreira Cova e a sepultura do Penedo do Mouros. Notícia preliminar. *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.*. Lisboa. 2, p.283-291.
- VALERA, A. C. (1990) - *Sepulturas escavadas na rocha do concelho de Fornos de Algodres*. Fornos de Algodres : G.A.F.A.L.
- VALERA, A. C. (1993) - *Património arqueológico do Concelho de Fornos de Algodres, 1ª fase da carta e roteiro*. Lisboa : Associação de Promoção Social Cultural e Desportiva de Fornos de Algodres.
- VAZ, J. L. ; SILVA, C. T. da (1985) - Necrópole de S. Miguel. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 5, p. 146.